

As missões de Diogo Gomes de 1456 e 1460.

Aurélio de Oliveira

---

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 805-814



# As missões de Diogo Gomes de 1456 e 1460

Aurélio de Oliveira

Diogo Gomes aparece-nos como uma das pedras mais determinantes de novas políticas e atitudes com que, a partir de certa altura, se passou a entender e encarar os contactos com as populações da Costa africana.

Pouco se sabe deste homem. Até ao presente, nem lugar nem datas de nascimento nem o ano da sua morte.

Não temos hoje grande dúvida que Diogo Gomes foi natural de Lagos. A referência indirecta à caravela que capitaneou, e com a qual integrou a expedição de Lançarote em 1445, assim o permite concluir<sup>1</sup>.

Zurara refere, com efeito, o *Picanso natural de Lagos* (por duas vezes dizendo ter ele capitaneado uma caravela {*Uma caravela de Tavira e outra de um homem de Lagos que se chamava o Picanço*}. Zurara não refere nenhuma das façanhas militares desse Picanço, contrariamente ao que nos conta dos outros - essencialmente envolvidos em acções de guerra<sup>2</sup>.

Ora, Diogo Gomes não participou, de facto, nessas acções mas fez resgate a seu modo e, ao que se apercebe, sem grande violência.

O que se apura é que o Picanço *natural de Lagos* não se chamava efectivamente Picanço, mas Diogo Gomes. A caravela que capitaneou nessa expedição, essa sim, teve por nome Picanço, (ou *Piconso*).

Desde aí pelo menos se afirmaria como mercador. O seu nascimento deve ter ocorrido por volta de 1425. É muito provável que o seu óbito tenha ocorrido por alturas de 1497/99, pois sabe-se que em 1502 era já falecido. Contaria, então, uns setenta e dois a setenta e quatro anos de idade.<sup>3</sup>

Andou envolvido nos tratos com Ceuta e o Norte de África e das Ilhas. Na verdade, confessa ter estado *por uma primeira vez* na Madeira. Ora, se refere expressamente *uma primeira vez*, é por que aí foi mais vezes.

A ascensão política e social do mercador de Lagos veio relativamente rápida: em 1451 surge-nos como escrivão da carreamento real e criado da Casa Real. A sua íntima ligação aos tratos de África está documentada na Carta de Quitação dos géneros para Ceuta referente aos anos de 1451-52 passada a Gonçalo Pacheco, onde nos aparece-nos como *escudeiro real* com tença e moradia. Responsável pela arrecadação do pão do Infante de Fronteira e das Beiras<sup>4</sup>. Muito antes, DOIS, de 1463. Créditos firmados, nesta altura, ligação aos tratos, participante nas expedições de África e viagens para as Ilhas. Pouco depois, vê-lo-emos como armador de embarcações para os tratos do mar. Seria, pois, um homem atento e um mercador interessado nas coisas de África.

---

\* Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DH.

<sup>1</sup> Todas as referências documentais em *Diogo Gomes: Trato e diplomacia ao serviço da Expansão* - de que este texto é uma síntese.

<sup>2</sup> Zurara, Gomes Eanes de - *Crónica de Guiné*. liv. Civilização. Porto. 1973.101; 238-239; 253; 291. João de Barros, *Décadas*. I. Ed. Casa da Moeda. Lisboa. 1988.1.42-43.

<sup>3</sup> Silva Marques, - *Sintra e Sintrensens no Ultramar português*. Lisboa. 1949.12.

<sup>4</sup> Silva Marques. *Descobrimientos Portugueses* Reimpr. Fac-Simil. INIC. Lisboa. 1988.1. Supl. 569-570;

Sabe-se como estas, na sua vertente marítima, caíram num impasse durante esta década e parte da seguinte.

É neste contexto que a burguesia mercantil procurará desbloquear a situação. Tem-se posto particular ênfase nos italianos. Todavia, vemo-los sempre ao lado dos portugueses. Há efectivamente movimentação de mercadores nacionais aos quais aqueles sistematicamente se associaram. Deste conjunto de iniciativas espontâneas da burguesia mercantil fazem parte as duas viagens de Diogo Gomes em 1456 e 1460.

Mas estas viagens de Diogo Gomes não são simplesmente mercantis como as restantes. São sobretudo de prospecção geográfica e comercial, a que se juntaram também missões de vigilância e policiamento nos mares descobertos pressupondo poderes e missões específicas atribuídas pelo Infante para tal, quiçá também do Monarca.

Depois da viagem de 1456 foi investido (ou recompensado) com o cargo de Almojarife da Vila de Sintra que aparece a exercer em Outubro de 1459 e que manteve até 1479/80. Pelos tempos posteriores firmar-se-á como um dos bons burgueses da capital intimamente ligados aos tratos marítimos. Entretanto, tornar-se-ia íntimo do Infante como se conclui da primeira missão desempenhada e da enorme confiança e distinção que lhe é feita a quando da morte deste. Na verdade, seria incumbido por D. Afonso V do reconhecimento e da trasladação do corpo do Infante para a Batalha.

Por 1460 realiza outra viagem a terras de África deixando abertos os mais promissores caminhos do ouro e produtos africanos com as enormes perspectivas de se fazerem na base de relações pacíficas e de amizade com os povos do Continente.

É seguro que por esses tempos continua bem entrosado nos tratos do Reino. Na verdade em 1464 surge-nos como armador<sup>5</sup>. O seu envolvimento de modo directo ou indirecto no trato africano é um facto. E em 1466, depois da segunda e mais importante missão a África vê-se dotado por Afonso V com uma tença de 4.800 reais. Em documento dado em Toro em 1466 refere o monarca os motivos: "pelos serviços que me tem feito *em Portugal, em Castela e em África*". (Até hoje se ignoram, quais os serviços que efectivamente desempenhou para o Rei em Castela). Cumularia a tença com funções administrativas como Juiz das Coutadas e Montarias nesse mesmo ano de 1466. Em data imprecisa, toma também o Juiz das Sisas da Vila de Colares que D. João II lhe confirma em 1482. Foi também Cavaleiro da Casa Real. Muito plausivelmente já por directa interferência do Príncipe D. João, pois nos aparece como Cavaleiro da Casa Real (e Vedor dos Paços de Sintra) apenas em 1479.

Bem pouco rasto deixou, nos Anais e Crónicas do Reino. O que salvou Diogo Gomes para a Memória dos tempos, foi o ter escrito ou contado algo do que realizou. Caso contrária o relevantíssimo papel por si desempenhado ter-se-ia apagado para sempre.

De duas das suas viagens nos ficou um relato conciso que até nós chegou por interposta pessoa. As viagens de Diogo Gomes acabariam lembradas e fixadas na versão de Martinho da Boémia com exacta designação de *De prima inventione Guynée* (Da primeira descoberta da Guiné, mais vulgarmente designada por *Relação de Diogo Gomes*). Esse texto (deixada de parte mais alongada referência) acabaria, pouco depois, entre 1495 e 1508, nas mãos do Impressor alemão Valentim Fernandes (da Morávia). A notícia de Behaim, inserta por Valentim Fernandes e depois coleccionada por Peutingir, acabaria por vir à luz em 1845 por Schemeller (da Biblioteca de Munich) na sua versão latina. A primeira tradução portuguesa, na parte relativa às ilhas, seria feita em 1878 por Ernesto do Canto. Aversão completa e a primeira tradução, por Gabriel Pereira em 1899<sup>6</sup>.

As duas últimas viagens documentadas de Diogo Gomes são importantes a vários títulos ainda que continuem envolvidas em polémicas: (aqui, deixadas de parte).

Essas missões não foram tanto de ir ao trato ou ao saque mas de ir a descobrir, sobretudo, de procurar estabelecer relações pacíficas e de comércio em África, numa área geográfica em que os contactos passaram a ser muito difíceis. Das suas missões resultou a mais importante penetração no Continente como de ter levado a exploração ao conjunto dos principais rios da Guiné.

Deixando de lado a sua primeira expedição de 1445 (mas na qual vemos que Diogo Gomes, nem

<sup>5</sup> Idem., m. 41.

<sup>6</sup> *Archivo dos Açores Yol I*. Ponta Delgada. 1878.77-85.

participa dos assaltos da costa nem em actividades militares, limitando-se ao resgate o que parece ter conseguido sem ter tido necessidade de recorrer a grandes violências) o que mais nos importa chamar a atenção é para a natureza das viagens de 1456 e 1460 e ao caracter de que se revestiram. Diogo Gomes assume-se aqui, de facto, como o primeiro grande explorador (nunca ninguém tinha até aí penetrado tão profundamente nos segredos e terras do Continente (e, depois dele, por mais de dois séculos que ninguém ousou ir mais além) como, sobretudo, um primeiro embaixador e um verdadeiro "diplomata" tendo substituído a natural atitude de guerra e violência pela persuasão e pelos contactos pacíficos e amistosos.

Essa inflexão documenta uma fase importante do relacionamento com as populações do Continente sem que a violência que representava, de per si, o trato de escravos, tenha, naturalmente desaparecido.

E remata Diogo Gomes, cujo comportamento anterior já se apercebe se ter pautado principalmente pelo tratar: "Depois d' isto no seu conselho o senhor infante dizia que para o futuro não brigassem com aquela gente naquellas regiões mas que travassem alianças e tratassem de comércio, e com eles assentassem pazes, porque a sua intenção era fazer-los cristãos".

É seguro que o trato se foi organizando desde logo, ali, em Arguim. Com a organização do trato e com a construção desse pequeno entreposto (a partir de 1455 mas, na verdade, muito activo já desde 1452), havia necessariamente que mudar em algo a atitude: passava-se da rapina e fuga, ao trato e à estabilização (sedentarização).

Essa mudança de atitude ocorreu depois da expedição (ou expedições) de Lançarote e da de Gonçalo de Sintra - claramente marcadas pelos confrontos e pela violência, (de que o último acabaria vítima no decurso da sua segunda expedição). Cremos, assim, que a primeira grande inflexão se verifica entre 1446 e 1448<sup>7</sup>.

A viagem Vicente Dias de Lagos / Cadamosto em 1455/56 (de que este nos deixou um alargado relato) terá alertado o Infante que de imediato ordenou uma expedição de três caravelas cujo comando entregou a Diogo Gomes. Este partiria nesse mesmo ano de 1456.

No decurso desta missão Diogo Gomes age e comporta-se como um verdadeiro diplomata ao serviço do trato pacífico e dos objectivos mercantis (estratégicos?) do Infante. Diogo Gomes é o primeiro a conseguir ultrapassar a violenta reacção das populações Negras da Guiné, (e não só, haja em nota as relações de amizade feitas também com o mercador Mouro de Tremacem). E quando diz "*eu fui o primeiro Cristão que consegui fazer paz com eles*", não o diz por fanfarronice mas, por certo, com justificado orgulho, sublinhando a novidade e a importância que isso representava.

Vejamos de perto a cautelosa e hábil actuação de Diogo Gomes.

Por ordem do Infante, partiu Diogo Gomes de Lagos com uma pequena expedição de três caravelas. Comandava a - Piconso (ou Picanço), acompanhado por João Gonçalves Ribeiro e Nuno Fernandes da Baía. Chegou aos grandes Rios da Guiné passando o Senegal, o Gâmbia, o Casamansa o S. Domingos (Cacheu), Rio Grande (Geba), descendo para lá do Rio Grande até ao Francasso ou melhor, Rio de Buba que em parte subiu. Todavia, por prudência, não acostou. Na verdade, a expedição de 1455 (que atribuímos a Vicente Dias), ainda se havia revestido ali nas imediações de violência e claras hostilidades (seriam ali recebidos com frechas ... e os negros rispostados à bombarda ...e "um cristão matou um negro e por yssso nom leixarom rijamente de tyrar e os crystaos tyrarom (também) rijamente e lhes matarom muytos negros"<sup>8</sup>.

No leito do rio teve contacto com as almadias de mouros que trocaram consigo algumas mercadorias, panos de seda ou algodão, marfim e malagueta em grão.

Com a enchente, tornou a descer o rio tomando terra na foz. No outro dia fez regresso costeando

"Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa". N. 5. Lisboa. 1899. Utilizamos Separata datada de Lisboa. 1900. A reprodução mais recente em J. M. Garcia, *Viagens dos Descobrimentos*. Lisboa. 1983. Texto latino revisto (sem tradução) em 1997 pela Academia Portuguesa de História. *Códice Valentim Fernandes* - Lisboa. 1997. Apresentação de Pereira da Costa.

<sup>7</sup> Zurara aponta 1448. "As cousas tratadas depois "não foram tratadas com tanto trabalho e fortaleza como as passadas pois que deste ano avante (1448) sempre os feitos daquelas partes se trataram mais por tratos e avenças de mercadoria que por fortaleza nem trabalho de armas. Ob. cit.40.

<sup>8</sup> *Códice Valentim Fernandes* - Academia Portuguesa de História. Lisboa. 1997.73-74.

até um grande rio de que efectivamente já levava conhecimento: "logo pensamos que aquele rio era o Gâmbia e assim era".

Subiu então o Gâmbia deparando, de um lado, com populações relativamente pacíficas - as do régulo Frangasik. Com este logrou logo estabelecer relações pacíficas "com o qual fizemos pazes" e apreciáveis trocas. (Ali obteve 180 arráteis de ouro, isto é, uns 83 quilos). Do outro lado, ficavam as populações hostis que tinham liquidado os primeiros exploradores que ali tinham ido nos anos anteriores e com os quais não pôde logo estabelecer contacto.

Logo ali determinou atingir o grande mercado e centro de Cantor de que logo deve ter colhido directas informações. Teria ajuda preciosa de um dos negros com o qual tomou a melhor confiança. De pronto lhe rogou que fosse com ele a Cantor. Para tanto antecipadamente o presenteou (tal como ao senhor da terra) com "*roupas e (mais) todo o preciso*". Distribuiu as outras duas caravelas por dois dos portos ao longo do rio "*e eu, com o negro Bucker, subi o rio e achei Cantor que he uma grande habitação junto daquele rio*".

Seguiram na caravela até que o denso arvoredo das margens lhe impediu a progressão. Largada também a sua caravela, fez o resto do caminho a pé guiado por Bucker. Fez saber ao senhor da terra (pelo interprete que levava) da razão da sua presença: "*para tratar de comércio à boa paz*".

Cantor era uma grande cidade e centro mercantil e o melhor e mais próximo caminho de acesso às zonas auríferas do interior.

Logo ali estabeleceu boas relações e soube da grande cidade aurífera de Tombuctú, e de outras importantes povoações a Norte e a Sul dessa cidade como era também o interposto de Quióquia (Gao). Por aí se fazia activo comércio de ouro e outras mercadorias: por onde circulavam as "caravanas de camelos e dromedários que levavam as mercadorias e muito ouro a Cartago ou Tunis, Fez e Cairo".

Foi o primeiro a tomar conhecimento da rede hidrográfica formada pelos "grandes e pequenos rios que correm e descem para ocidente e dos outros que correm para o oriente". Na verdade, a primeira informação da bacia do Alto Niger como também a primeira informação dos grandes montes da Serra Leoa. Em Cantor encontrou um muçulmano da cidade de Tremacém "que ali fora por terra" e com o qual se relacionou amistosamente dele colhendo outras informações sobre a terra e os tratos e os caminhos das caravanas.

Outras, as mais preciosas, colheu-as directamente dos habitantes com os quais obteve boa confiança: "*Interroguei-os acerca do caminho pelo qual se vai às terras do ouro e quem eram os senhores daquele país*"... "E disseram-me que aquela parte Oriental (na verdade a bacia do Alto Niger) era toda cheia de minas de ouro, e que os homens que entravam nas covas para trazer as areias auríferas as traziam para fora e as davam às mulheres para lavar e para extrair o ouro. E que aqueles homens não vivem muito por causa do ar que sai das covas do ouro". *Eperguntei dos caminhos que de Cantor se seguiam para as outras terras do ouro e outros lugares*... donde vi chegar muitos pretos carregados de ouro".

Tomadas estas informações e feita a paz com os de Cantor, desceu o rio. Algum tempo ocuparia nessa missão. Ao recolher às caravelas que deixara, muitos já haviam perecido.

É então que procura o contacto com as populações hostis da outra margem que haviam liquidado os cristãos. Servindo-se do mesmo negro Bucker como emissário, chegou ao contacto com o grande Senhor Batimansa ao qual faz saber também das suas boas e pacíficas intenções. Mas este apresentou-se-lhe com aparato bélico de amedrontar e temer: "infinita gente armada com setas venenosas, azagaias, espadas e adagas". Não ia preparado nem disposto para outros argumentos: Diogo Gomes caminhou para ele ofertando bolachas e vinho! "E eu caminhei para ele levando-lhe as minhas ofertas e biscoito e vinho nosso". Ele o presenteou com duas mulheres e um homem. Estava quebrada a hostilidade: "Ficou muito contente e muito agradecido folgando comigo jurando por Deus que não faria mais guerra aos cristãos e que, a partir daí, poderiam comerciar livremente nas suas terras". A melhor e a mais excelente notícia para si e que deveria contentar sobremaneira o Infante.

Não terminava aqui a sua missão de estabelecer pazes e boas relações. Dali procurou a terra de Alcuzet (que tem sido difícil de identificar) socorrendo-se do índio (abexim?) Jacob "que o Infante connosco mandou para que chegássemos à índia e o mandei ao lugar que se chama Alcuzet (onde de outra vez estivera com um cavaleiro para encontrar a terra de Gela e Tombuctú" (Vê-se, pois,

que ali já estivera o tal Jacob com alguém do Infante. Muito provavelmente em 1455. (Cremos que Vicente Dias). Tirou informações de Alcuzet. Diogo Gomes foi depois à residência do Senhor da terra que o presenteou acabando hóspede de sua casa. Na partida, o Senhor da terra voltou a presenteá-lo prodigalizando-lhe provimento para as embarcações.

Seria aqui que saberia a verdadeira origem donde partira toda ou a maior hostilidade contra os cristãos, "de um certo Rei chamado Nominans". Este, por sua parte, já soubera da presença da nova expedição de Cristãos. Receando-se de represálias violentas, resolveu provocá-los "mandando (ao litoral) um grande número de homens e mulheres para me experimentar se por acaso eu lhes faria algum mal". Funcionou novamente o tacto e a diplomacia: "e eu fiz pelo contrário recebendo-os com afabilidade". (De modo bem diferente se portara a expedição de Lançarote de e a de Vicente Dias).

Este Nominans era para Diogo Gomes uma das peça fundamentais da região. Havia que usar de todo o tacto e diplomacia para o convencer da "bondade" dos portugueses e das suas boas intenções. Vinham a buscar amizades e boas relações. Diogo Gomes fazia várias diligências e tentativas mandando-lhe muitos presentes pelas almadias que o senhor tinha ao trato na região. Não foi tarefa fácil. Refere: "*muito trabalhei em fazer paz e amizade com este Senhor*". Mas os esforços seriam coroados de êxito.

O Rei acabou por se demover e veio, com grande aparato, ter com Diogo Gomes à praia fluvial. Diogo Gomes aproximou se então (como fizera com o Batimansa: "com as minhas cerimónias (e presentes) *do melhor modo que pude*").

Acompanhava este rei "*um bispo de Mafamede*". Com ele se travou de razões e de justificações (religiosas). Se aqui se não blasona da sua dialéctica persuasiva e dos seus conhecimentos evangélicos e teológicos (juntos com os recursos e a "inteligência que Deus me deu"), pelo menos eles foram os suficientes e o resultado foi, até, rápido e positivo: o rei acabou por vir ao seu partido ordenando a expulsão do tal pastor de Alá. Mais: logo quis fazer-se também cristão e logo se foi dizendo irmão do infante D. Henrique desejando ser baptizado das mãos de Diogo Gomes, "dizendo que não queria outro nome senão o de Henrique no que todos os da sua casa desejaram também fazer outros, tomando nomes cristãos". Diogo Gomes acabava de obter, certamente, o que mais ambicionava: que não hostilizasse mais daí em diante os cristãos, isto é os mercadores. Mesmo sem ousar dar-lhe o baptismo (porque não levava padres consigo) é seguro que ali fez seus afilhados. Veio depois o convívio: Levou o Rei e seu séquito a bordo das caravelas a quem serviu a melhor refeição "*preparada ao nosso uso*" regada "*com vinho branco e tinto*" que mandou servir à discrição - "*quanto quiseram beber*"!

Como insistia no baptismo, logo escreveu ao Infante para que na volta lhe enviasse quem o instruisse na fé e o baptizasse e que lhe mandasse outros presentes. Curioso foi o pedir animais domésticos para introduzir nas suas terras e que lhe mandasse construtores que para fazer casas e cercar a sua cidade. Diogo Gomes tudo prometeu transmitir ao Infante. "Quando me despedi - diz Diogo Gomes - elle chorava com todos os seus por causa da muita amizade que se firmara entre mim e elle". A hábil e persuasiva actuação de Diogo Gomes acabava de derrubar o maior obstáculo à aproximação pacífica àquelas terras. Além de pazes, deixava as relações abertas na base de amizades. Deixaria verdadeiros afilhados muitos dos quais desejaram (ou tomaram) o seu próprio nome e de outros de seus companheiros: Diogo, Nuno etc. "Amplas perspectivas de entrosamento com os cristãos, a primeira grande oportunidade de sedentarização em Terra dos Negros.

Deixado o Batimansa despachou dali uma caravela directamente para Portugal. Diogo Gomes, porém, veio costeando até ao Cabo Verde. Surpreendeu no mar embarcações indígenas que abordou. Por um interprete soube que a bordo de uma delas estava o próprio senhor da Terra - o Beseguichi. Deste se havia recebido também afrontas e hostilidades.

Mais uma vez Diogo Gomes em lugar de atitude hostil e de represália, agiu muito pelo contrário: disfarçou saber exactamente quem tinha na sua presença. E tinha-o perfeitamente dominado. Havia, previamente, colocado as suas caravelas entre as almadias e a costa, impossibilitando qualquer tentativa de fuga. Com bons modos meteu-os a bordo da sua caravela e presenteou-os regalando-os também com comida e bebidas. Perguntaria, então, depois desta boa recepção e acolhimento, porque razão esse tal senhor da terra era assim tão mau e hostil para com os cristãos, insinuando se não seria melhor, a esse senhor, fazer com eles paz e amizade, retirando lucros e proveitos do trato

pacífico "trocando (pacificamente) com eles as suas mercadorias".

Acabada toda esta encenação, com um comportamento perfeitamente fora do normal (noutras circunstâncias ou em tempos anteriores, as almadias teriam sido tomadas e saqueadas e os seus tripulantes feitos escravos) para mais de quem se tinham recebido danos, disse-lhes que levassem recado para o seu senhor Besegiche (que afinal estava ali entre eles) de que ele - Diogo Gomes - os tomara no mar mas, por consideração que lhe merecia esse tal Beseguichi (!!!) os deixava regressar "sãos e livres para suas terras". "Do que ficaram muito contentes". Seguramente que bem surpreendidos também com tal atitude.

Regressados às suas embarcações, Diogo Gomes, lançou a última cartada mostrando a sua generosidade e mostrando também que o intuito dos cristãos não era a guerra mesmo que tivessem razões para a exercer, nem a rapina nem a violência, mas o trato à boa paz: "*Besiguicki, Beseguichi, não julgues que te não conheci, tendo (como viste) podido fazer de ti o que quisesse. Visto que só te fiz bem, tu agora faz o mesmo aos nossos cristãos*".

Era manifesto que Diogo Gomes procurava a todo o custo (mesmo engolindo algum orgulho e alguma sede de vingança) garantir para Portugal e para o Infante os tratos e as relações pacíficas neste troço da costa e do Continente.

Remata: "e assim cada um de nós seguiu seu caminho" deixando o Beseghiche certamente espantado e bem surpreendido com semelhante atitude.

Depois de passar por Arguim e ilha das Garças onde se reabasteceu rumou daí ao Algarve, sem fazer mais escalas, onde deu conta ao Infante da sua missão, recomendando-lhe e entregando-lhe o pedido que, por escrito, lhe enviara Nominans. Não temos dúvida que nesse mesmo ano de 1456.0 que exarou Valentim Fernandes referente ao ano de 1456 não alude a outro que não ao regresso dessa expedição que chefiara Diogo Gomes. E conta outras mais coisas que o Capitão e piloto passou em branco na sua versão. Eis a passagem sobre que não temos dúvida assinalar a viagem de Diogo Gomes e o seu regresso ainda em 1456:

"E este anno (de 1456) ouverom fala com os negros e amizades. O Senhor de Gambia he vassalo delrey ou emperador Melly. Forom per este ryo 15 legoas ate elrey Batimansa e mandarom o trusimanm ao dito senhor Batimansa mandando lhe húa marlota de seda em presente fazendo lhe saber de amizade e se ouvesse mester algúa cousa da terra dos christãos que cada anno elrey de Portugal lhe mandaria e ouverom grande amizade com elle e resgatarom delle escravos e algum pouco de ouro E ajnda que o prezavam ouverom no de barato a respecto do troco E nos 15 dias que hy estiverom vierom muytas almadias pêra as caravelas com algodom fiado de muytas feyções e coores e muytos gatos meymoes, baboynos de muytas sortes, algalia e gatos de algalia E davam cousa de valia de huu cruzado per algúa cousa de valia de hú real<sup>9</sup>.

Os excelentes e promissores caminhos deixados abertos para o trato na base de relações pacíficas e até amistosas não tiveram, porém, aproveitamento consequente, não obstante as insistências que Diogo Gomes fez junto do Infante. Só em 1458, após várias vezes "relembrado" por Diogo Gomes, é que enviou o Infante a "embaixada" do abbade Sotto de Casa e de João Delgado<sup>10</sup>.

Mas tudo ficou por aí. E não sabemos da continuidade dessas relações. O que é certo é que as extraordinárias perspectivas abertas sobre os mercados, as terras do ouro e as excelentes contactos que Diogo Gomes deixara atrás de si, não seriam, de facto, aproveitadas quer pelo Infante quer por Afonso V. Causas alegadas : o envolvimento nas guerras de África - "e aconteceu - refere Diogo Gomes - que nos dois anos próximos (depois do envio desta "embaixada" que seguramente partiu antes do preparo desta expedição) ninguém foi à Guiné porque o Rei Afonso, com 352 velas passou à África e tomou a poderosa cidade de Alcácer".

Uma segunda missão seria entregue a Diogo Gomes por Afonso V ainda no decurso do ano de 1460 possivelmente quando o Infante era ainda vivo.

A Viagem de 1460, tem em grande parte os mesmos objectivos, consolidar as relações estabelecidas aproveitando a habilidade e trato diplomático de que Diogo Gomes dera provas,

<sup>9</sup>Idem,74-75.

<sup>10</sup> A J. Dias Dinis - *Estudos Henriquinos. I.* Coimbra. 1960.364-369.



durante a missão de 1456.

O monarca enviava-o, porém, desta feita, essencialmente em missão de armada e policiamento. A Coroa descurava a exploração geográfica mas os particulares, com licença ou sem ela, iam-se envolvendo em viagens de negócios e tratos. Diogo Gomes parte agora a vigiar e a policiar o trato clandestino a que alguns mercadores (nacionais e estrangeiros) se meteram, com ou sem licença do Infante. Diogo Gomes sublinha o carácter principal desta missão: "*o rei deu-me poder sobre as margens daquele mar para quaesquer caravelas que encontrasse em terra de guiné fossem sob minha autoridade e domínio ordenando-me que as tomasse e lhas trouxesse a Portugal*". O resto seria mais secundário. Até a maneira como se comporta relativamente à descoberta de Cabo Verde nos parece mostrar a relativa pouca importância que dera ao facto (aliás bem laconicamente descrito) e numa altura em que bem o poderia ter contado de outro modo.

Em 12 dias pôs-se nos Barbacins isto é, nos mares de Guiné. Pouco depois de chegar deparou-se naquelas imediações com nada menos do que com quatro caravelas três de nacionais, dois dos quais do Porto (Gonçalo Ferreira e o Prado) e mais um outro cujo nome omite talvez por ter sido este Fuão quem denunciou a Diogo Gomes, uma caravela que viria das partes da Gâmbia com carga ilícita "cheia de riqueza". (Tratava-se da caravela do mercador portuense - o Prado. Este era então um dos bons mercadores do Porto, que em anos anteriores andara também com embarcações no trato da Flandres aliás, como o próprio Gonçalo Ferreira também grosso mercador do Porto, igualmente metido nos tratos da Flandres e de Ceuta. Numa quarta embarcação encontrou António de Nola. De Gonçalo Ferreira e do genovez fez logo questão de denunciar o mal que estavam fazendo já a esse comércio acusando-os directamente de terem encarecido as mercadorias. Quer dizer, fazia-se activo resgate por parte de nacionais. Presume-se que dois deles munidos de licença: Gonçalo Ferreira, (aliás, criado da casa do Senhor Infante) e o italiano. O outro, ao que se presume, sem ela ou tratando em mercadorias defesas. Seria denunciado por essa quarta caravela - a do tal Fuão - que Diogo Gomes ali encontrou e cujo nome não relembrou ou quis intencionalmente ocultar.

Ao Diogo Gomes de trato afável, conciliador e diplomático para com as populações africanas, sucederia, de chofre, o Capitão de armada, intransigente, drástico, deixando-nos surpreendidos com a inflexibilidade mostrada para com um seu compatriota. Diogo Gomes ordenou ao conterrâneo do Prado, sob ameaça de morte e perda e de seus bens (e Gonçalo Ferreira era "um criado do Infante"), que lhe fosse fazer espera ao Cabo Verde. (Diogo Gomes já sabia, pois, dos trajectos e caminhos habituais das caravelas). Mas, mesmo assim, não o deixou ir só. "*eu puz um capitão do rei com o dito Gonçalo Ferreira*". O Prado seria, de facto, aprisionado no Cabo Verde e daí remetido ao Rei sob prisão. Denunciado como tendo levado armas ao trato (e algumas lhe seriam ainda achadas). No retorno recolhera muito ouro ao que se apercebe extraído já do Gâmbia pelos caminhos que Diogo Gomes deixara abertos.

Quer dizer, a primeira viagem de Diogo Gomes e as notícias que se devem ter espalhado das terras do ouro que contactara, tiveram repercussão entre os mercadores do Reino. E essas notícias chegaram seguramente ao Porto. Este inditoso e ousado mercador do Porto (que antes andara na carreira da Flandres onde já vira aprisionada pelo menos uma das suas embarcações) acabaria barbaramente sentenciado numa das praças do Porto "quando algum tempo depois o Rei veio a esta cidade" (*Sendo martirizado em um carro e depois queimado numa fogueira juntamente com as suas espadas e o seu ouro*)<sup>11</sup>.

Este procedimento e esta actuação para com um dos seus patrícios que raia o absurdo e o desumano, faz ressaltar ainda mais o tacto e habilidade diplomáticas que pusera em prática durante a sua anterior missão. O tacto, a paciência e a diplomacia pautaram sempre as suas acções e o comportamento de Diogo Gomes para com estranhos. Tolerante com as populações do Continente (por motivos óbvios, com certeza) intolerante e drástico para com os prevericadores mesmo que nacionais e seus compatriotas.

O regresso desta missão fecha-se com o achamento e avistamento conjunto (com o genovês António de Nola) de algumas das ilhas de Cabo Verde. Por a sua caravela ser mais veleira (era, de

<sup>11</sup> Terá ocorrido o martírio em 1462 - em Maio ou Junho - altura em que Afonso V se deslocou à Cidade do Porto.

facto, uma caravela de armada apesar de ser caravela grande) adiantou-se, depois de ter recomendado que queria ser o primeiro a pôr o pé em terra. E assim se fez. A recomendação não era, certamente, um simples pedido mas *uma ordem* do capitão de armada, drástico e inflexível (que, pouco antes, não poupava o seu patrício). Aviso para todos os que o acompanhavam e, naturalmente para o genovês (a quem acusara, aliás, de estragar o negócios de Sua Alteza nos mares de Guiné). Não temos, por isso, dúvida que a versão mais próxima dos acontecimentos - a que Valentim Fernandes tomou de alguém e fixou - é a mais cordata, a mais segura e a mais lógica, e a que deve ser tomada como mais verídica e correcta: "foy achada esta ilha per Diogo Gomez alomxarife do paço de Sintra E porque António de Noly vinha em outra caravella com elle e veyo primeyro a portugal ouve a capitania delia"<sup>12</sup>.

Diogo Gomes regressaria mas sem pressas, até porque a sua missão era de patrulha e policiamento sobre os caminhos de acesso e de regresso desses mares, sem dúvida mais importante para a missão que levava que o regresso rápido ao Reino para trazer a nova de mais uma ilha das muitas que os portugueses já tinham encontrado por aqueles mares (se é que não mesmo já alguma do arquipélago ou a própria ilha de Santiago).

---

<sup>2</sup> *Códice*, ed. cit 157.